

## ESCLARECIMENTO E INDÚSTRIA CULTURAL\*

CLARIFICATION AND CULTURAL INDUSTRY

ACLARACIÓN Y LA INDUSTRIA CULTURAL

Raffaella Andressa dos Santos Araújo  
Bergson Pereira Utta

**Resumo:** Foi na década de 40 que os renomados filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer reverberaram sobre a cultura, mais precisamente acerca da inclusão dos meios técnicos aos bens culturais, assumindo uma posição crítica sobre a relação entre industrialização e arte, acreditando que toda expressão cultural seria transformada em produto, numa indústria cultural. Na obra *Dialética do Esclarecimento*, eles defendem a tese de que mito e esclarecimento mantêm entre si uma relação dialética, com o mito já comportando algo da racionalidade autoconservadora do esclarecimento, com um núcleo de irracionalidade mítica regressando à barbárie. Partindo da análise dessa obra, buscamos analisar a relação entre os conceitos de esclarecimento e indústria cultural e sobre a importância que assumem para a ideia central, a saber, a relação entre Mýthos e Logos.

**Palavras-chave:** Esclarecimento. Indústria cultural. Cultura. Ideologia.

**Abstract:** It was in the forties, that the famous philosophers Theodor Adorno and Max Horkheimer had reverberated about culture, more precisely concerning the inclusion of the technical means to the cultural goods, assuming a critical position on the relation between industrialization and art, believing that all cultural expression would be transformed into product, in a cultural industry. In the work "Dialectic of the Clarification", the authors defend the thesis that myth and clarification keep between themselves a dialectic relation, with the myth already holding something of the autoconservative rationality of the clarification, with a nucleus of mythical irrationality returning to barbarity. Starting from the analysis of that work, this paper searches to analyze the relation between the concepts of clarification and cultural industry and on the importance that they assume for the central idea, namely, the relation between Mýthos and Logos.

**Keywords:** Clarification. Cultural industry. Culture. Ideology.

**Resumen:** Fue en los años 40, los filósofos de renombre Theodor Adorno y Max Horkheimer reverberaba en la cultura, más específicamente sobre la inclusión de los medios técnicos a los bienes culturales, asumiendo una postura crítica sobre la relación entre la industrialización y el arte, la creencia de que toda expresión cultural sería transformada en producto, una industria cultural. En *Dialética de la Ilustración*, que apoyan la tesis de que el mito y la iluminación se mantienen dentro de una relación dialéctica con el mito de la racionalidad ya comportarse autoconservadora algo de la iluminación, con un núcleo de irracionalidad mítica volver a la barbarie. A partir del análisis de este trabajo, se analiza la relación entre los conceptos de la iluminación y la industria cultural y la importancia de que la idea central, a saber, la relación entre mito y logos.

**Palabras-clave:** Ilustración. Industria cultural. Cultura. Ideología.

### 1 INTRODUÇÃO

A transformação das sociedades modernas caracterizadas pelo progresso da ciência, avanço tecnológico a partir da Revolução Industrial, meios de comunicação de massa, produção de bens simbólicos uniformizados, entre outros fenômenos, têm sido objeto de investigação de diversas ciências. Teóricos que empreenderam suas análises, para o entendimento da lógica dessa transformação buscam explicar o funcionamento e os efeitos dos meios de comunicação, bem como examinar a

qualidade dessas informações massificadas na percepção, na concepção de mundo e no comportamento dos indivíduos.

Esse estudo não pretende analisar as diferentes vertentes da Teoria da Comunicação, mas apontar, em especial, as contribuições da Escola de Frankfurt ao tratar com clareza do conceito de esclarecimento e indústria cultural a partir dos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985). Como se sabe, o Iluminismo, no século XVIII, propaga a ideia de uma sociedade emancipada pelo uso da razão científica e da apropriação dos bens culturais. Contudo, ocorre uma contradição entre o projeto ilumi-

\* Artigo recebido em maio 2010  
Aprovado em julho 2010

nista de emancipação e a permanência das relações de classe na sociedade capitalista. Este é um problema central na abordagem dos teóricos críticos, haja vista que o desenvolvimento da comunicação de massa teve um impacto fundamental sobre a natureza da cultura, principal instrumento de controle das concepções sociais e das ideologias estruturadas na sociedade capitalista.

Nesta direção, Adorno e Horkheimer relacionaram a crise da razão à sua instrumentalização no âmbito da cultura e da comunicação de massa. A partir de então, Costa (1994) afirma que a Escola de Frankfurt, ao introduzir categorias novas, como indústria cultural, sociedade administrada, enriqueceu a pesquisa de comunicação com a inauguração de uma abordagem sociológica para os fenômenos da comunicação de massa.

A ciência, o saber, a técnica passam a ser considerados como instrumentos de manipulação e degeneração da cultura, e não como instrumentos de autodeterminação e emancipação do homem. Nesse sentido, o saber que livraria o mundo do mito, da superstição, conduzindo à ruptura da sujeição da natureza sobre o homem, tornou-se, com a instrumentalização da técnica pelo capital, mecanismo de dominação de classe, numa sociedade industrial e massificada.

A abordagem metodológica traçada no presente texto se constitui de uma pesquisa bibliográfica, por meio da consulta direta dos referenciais apontados, assim como do uso de textos complementares, situados dentro da perspectiva teórica dos autores consultados. A fim de elucidarmos o tratamento analítico do tema em destaque, procuramos inicialmente trabalhar as concepções sobre o esclarecimento, para, em seguida, ser possível apresentar a relação entre indústria cultural e o processo de homogeneização das consciências ou massificação.

## 2 CONCEPÇÕES SOBRE O ESCLARECIMENTO

O termo "Esclarecimento" é apresentado por Adorno e Horkheimer (1985) numa produção conjunta com o título *Dialética do Esclarecimento*, na qual planeiam uma análise do desenvolvimento do esclarecimento na sociedade ocidental desde os seus exórdios, situando-se na transição da mitologia para a narrativa heroica.

É interessante mencionar que este período da gênese do esclarecimento não é o mesmo em que acreditam muitos autores modernos, ou seja, o período iluminista do final do século XVIII. Será neste século que pensadores como

Thomas Hobbes (1588-1679), Immanuel Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831), bem como outros, lançarão as bases da racionalidade ocidental e os ideais de libertação política. Mas será com Kant que o esclarecimento setecentista encontrará suas melhores definições. Conforme citado abaixo, a saída kantiana da menoridade se dará por meio da racionalidade, sendo o esclarecimento

[...] a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (KANT, 2009, p. 57).

Com efeito, para Kant, o processo de autonomia humana é decorrente do uso prático da razão, que implica em estabelecer limites ao conhecimento e em apresentar os fundamentos da liberdade humana. Por isso, Kant considera a saída da menoridade como processo de emancipação pelo uso da razão teórica e prática.

Por sua vez, Adorno e Horkheimer voltam à Antiguidade clássica para encontrar as origens do desencantamento do mundo – "O programa do esclarecimento" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19) –, evitando ater-se apenas na ilustração e nas revoluções modernas, empregando um conceito muito mais extenso e perspicaz de esclarecimento.

No entanto, o processo de desencantamento do mundo da obscuridade da magia, da imaginação, dos mitos, e suceder-lhe pelo saber e a razão, deve, em contrapartida, cometer uma violência contra a natureza, controlá-la e, em conformidade com o seu próprio programa, dar liberdade aos homens, situando-os no lugar de senhores do mundo. É como reforçam Adorno e Horkheimer (1985, p. 20): "[...] Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos".

Como parte da natureza, a razão se coloca ao mesmo tempo contra a natureza, como inimiga e competidora de toda a vida que não é a sua própria. Para Tavares (2009), a metafísica idealista anunciava que o mundo era produto da mente e o único meio de auxiliar a natureza é libertar, fazer voltar o pensamento independente ou então se conformar e aceitar a realidade que esta, por sua vez, propõe.

Adorno e Horkheimer acreditavam que o primeiro momento do desencantamento do mundo se daria no conhecimento sobre as origens desse processo, ou seja, no momento histórico em que acontece a passagem entre o mito e o saber, visando destruir o animismo mitológico e as tradições antigas. E é se

valendo dos exemplos extraídos da viagem de Ulisses, dos cantos da *Odisséia*, que eles provam o caminho traçado pela própria razão na história.

O esclarecimento é uma forma de pensamento que procura combater os mitos, visando livrar os seres humanos do medo e transformá-los em dominadores do mundo por meio do domínio da natureza, sendo também, igualmente um instrumento do poder, de controle do mundo natural, e isso graças ao conhecimento das suas leis. Adorno e Horkheimer (1985, p. 19) confirmam isso quando dizem que “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”.

Quando o homem está dominado pelo pensamento mítico, ou seja, não é esclarecido, possui empecilhos para que se estabeleça o vínculo entre entendimento e verdade. Foi na aurora da modernidade que Francis Bacon (1561-1626) indicou estes impedimentos: antipatia à dúvida, credulidade, audácia no responder, jactar-se com o saber e ter conhecimentos parciais.

É necessário o saber, o conhecimento, para que os impedimentos possam ser vencidos. Neste sentido, o saber é a superioridade do homem. Por meio da razão do homem, a superstição será vencida, desencantando a natureza e a si mesmo e transformando o seu conhecimento em técnica. Fica claro, portanto, que saber é poder (BACON, 1984). Não é a verdade que interessa, mas o pensamento eficaz, operativo e técnico. Para Adorno e Horkheimer, desde sua gênese, a modernidade já possuía um projeto dominador, no que será seguido por Heidegger (1889-1976). É em Bacon que o pensamento será indicado como um meio eficiente de dominação, a dominação das consciências: “[...] só o pensamento que faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. [...] O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘operation’, o procedimento eficaz.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 40).

É na história da constituição da modernidade que observamos a vitória do esclarecimento sobre os mitos. Todavia, esses pensadores acreditavam que, para vencer, os mitos deveriam ser produzidos pelo próprio esclarecimento, tais como o positivismo, a disciplina taylorista, o poder, o capitalismo, a ciência, a uniformidade comunista.

Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 24),

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento com-

porta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los.

O Iluminismo é o resultado dessa razão alucinada, cuja expressão é a sociedade unidimensional, completamente administrada; sociedade que não se opõe a nada, com seus conflitos e oposições disfarçados na identidade do dia-a-dia, estabelecidos pela norma e pelo mercado (MATOS, 1993).

Em suas reflexões sobre como o plano iluminista cria sua própria mitologia, Adorno e Horkheimer aclaram o princípio da mitologia como necessidade mortal, como ordem natural do mercado e das consciências, que é a doutrina da igualdade como algo uniforme e o princípio da imanência. Ora, o princípio originário do esclarecimento é certificar sua conservação pela adaptação, conduzindo à confirmação da ideia do destino.

A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26).

Como mais uma consequência da formação da sociedade esclarecida temos a indiferença que sinaliza as relações sociais: a identidade de tudo com tudo, a mesma indiferença do mercado quanto à origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias.

Negar as diferenças acaba por conduzir à necessidade da coletividade, coletividade que consiste em rejeitar cada indivíduo, formando, desse modo, o que se entende por massa. Essa massa é nada mais que a abstração das individualidades sociais, tornando-se planificada, com nenhum indivíduo fora da unidade social. Aquele que não segue a norma, que pensa diferente, é o “fora” dessa sociedade unidimensional, e este sujeito é afastado, pois se torna fonte de medo e da angústia. É bom lembrarmos que a obra *Dialética do esclarecimento* foi escrita em uma época em que as sociedades nazista, fascista, comunista e capitalista estavam se moldando e que, segundo Adorno e Horkheimer, são todas sociedades que se dizem planificadas e esclarecidas.

A forma de pensamento proposta por Adorno e Horkheimer irá se opor ao mito e à magia, respectivamente, à exposição do estado de coisas do mundo por meio de fantásticas narrativas e a tentativa de controle da natureza mediante a semelhança, a imitação. Também irá se opor à metafísica – o mito abstraído – encarado de um ponto de vista ideal, e não apenas narrativo. A incompatibilidade

entre outras formas de pensamento e o Esclarecimento é destrutiva, já que a última tende a aniquilar as primeiras para realizar os seus fins, que são a autoconservação de si mesmo.

Esse modelo de racionalidade aparece na antiga Grécia, no mundo dos mercados do Mediterrâneo, bem como no poema épico *Odisséia*, de Homero, desenvolvendo-se junto com a evolução do sistema econômico capitalista. Por meio de sua luta contra os mitos, o Esclarecimento eliminará os conceitos e a reflexão, e não apenas deuses e demônios, magia e metafísica, reduzindo tudo a um instrumental lógico-matemático de conhecimento. Dessa forma, o Esclarecimento revela-se com temor dos mitos, já que se enxerga neles. Ele se transforma em seu contrário por causa do contexto social, que, com a evolução do capitalismo, conduziu a uma organização totalitária da vida social. A sociedade é fortalecida na sua própria estrutura de dominação de classes, tendo o indivíduo apenas como uma peça na engrenagem da máquina social, sendo forçado a se adaptar às funções econômicas.

Dessa forma, o Esclarecimento renega a sua própria realização, convertendo-se num instrumento de dominação sobre os sujeitos e sobre a natureza, em poder de destruição. Sob a hierarquia da divisão trabalhista, estes dominados se reprimem e o dominador retrocede. Isso estava muito claro para Adorno e Horkheimer (1985, p. 34) que destacam: “[...] A dominação confere maior consistência e força ao todo social no qual se estabelece. A divisão do trabalho, em que culmina o processo social da dominação, serve à autoconservação do todo dominado”. Assim, os tempos modernos mostram-se como mais um capítulo da pré-história, pois, em vez de inverter a conexão de poder entre o homem e a natureza, em favor do primeiro, verdadeiramente libera forças naturais de destruição do próprio homem.

Tudo isso acontece devido ao princípio de dominação que governa o conjunto das relações sociais entre os homens, deles com a natureza e consigo mesmo. Com base nesses entendimentos, Adorno e Horkheimer afirmam que existe uma união entre a sociedade capitalista e a dominação. Assim, a própria razão não constitui mais um referencial para a autonomia e a liberdade, mas apenas um órgão do pensamento dominante, um instrumento intelectual de poder, que, ao dominar o outro, se elimina e submete-se a poderes cegos e irreprimíveis, sendo a razão apenas uma parte racional para a execução de fins racionais.

### 3 INDÚSTRIA CULTURAL: homogeneização das consciências

A indústria cultural cria e impõe métodos de reprodução de bens, que são padronizados para satisfazer necessidades, que parecem ser comuns a todos. Adorno e Horkheimer (1985, p. 114) destacam que essa indústria demonstra para os homens o modelo de sua cultura baseada numa “falsa identidade do universal e do particular”.

Para Costa e Palheta *et al* (2003), Adorno e Horkheimer utilizam o termo “indústria cultural” para se referirem à mercadorização da cultura com o aparecimento das indústrias de entretenimento nos Estados Unidos e Europa na transição do século XIX para o século XX. Em sua pauta de discussão, esses teóricos debateram sobre os diversos meios de comunicação, tais como a indústria cinematográfica, a televisão, o rádio, revistas e jornais, e como estes foram padronizados e racionalizados, atrofiando a capacidade dos homens de pensar e agir crítica e autonomamente. Adorno (1995, p. 43) reforça essa idéia quando afirma que

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a idéia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam de seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com destaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário.

O conceito não se refere a esses veículos, mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante que resultou na padronização e na racionalização das formas culturais, na qual “[...] o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro desse sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 118). Essas diferentes indústrias apresentam seus produtos e os classifica de acordo com as novidades inventadas, visando iludir o consumidor sobre o que é melhor em questão de técnica, equipamentos e trabalho, influenciando no seu valor final.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho [...] Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

As pessoas são modeladas de acordo com o estabelecido pela indústria cultural. Os autores supracitados mostram que, embora esta

apresente uma postura aparentemente democrática e liberal, a cultura massificada realiza os ditames de um sistema de dominação econômica que necessita apenas de uma concordância das pessoas para legitimar sua existência.

Neste sentido, conforme afirma Costa (1994), a indústria cultural estaria marcada pela exclusão do novo, daquilo que não se torna previsível na técnica de produção. A sua ação, então, reduziria a possibilidade de mudança, de novas concepções que contrariam o enquadramento de esquemas predeterminados, onde cada produto cultural se tornaria um meio de reprodução do mecanismo econômico e social que perpetua a dominação.

Através do uso da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, a indústria cultural apresenta uma arte mais acessível de conteúdo oco, repetido e muitas vezes abandonado. Os meios de comunicação, como o cinema, por exemplo, criam na mente das pessoas uma ilusão que reflete a vida real - é como se a vida nessa tela fosse um prolongamento dessa vida real, e quem a consome tem sua imaginação e desejos engessados pelos seus efeitos, sendo modelados por essa indústria cultural. As seguintes palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 47) esclarecem tal situação:

Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltará a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo. São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos.

O consumidor de filme tem sua imaginação e espontaneidade paralisadas pelos efeitos dessa máquina, que produz velozmente os fatos diante dos olhos. Adorno menciona que o homem se encontra tão envolvido por este processo composto de técnicas, operações engessadas e sistemáticas, buscando fugir do tédio, que, ao procurar esse prazer, se encontra e é completamente envolvido pela propaganda de produtos absurdos, preparados e disfarçados através da arte popular e da música, condicionando o espectador a pensar e a agir como eles, dissipando qualquer possibilidade de emancipação.

Zuin (1994, p. 159) expressa, na seguinte afirmação a influência e o domínio da indústria cultural sobre o indivíduo:

O perverso desse sistema é que tanto a debilidade como a melancolia só podem ser atenuadas por meio

do consumo desses bens semiculturais<sup>2</sup>, dando a ilusão de que se reapropria da capacidade de decidir e de controlar a própria vida. Qualquer produto cultural que implique no mínimo de reflexão dessa debilidade é devidamente evitado, pois implica, em sua essência, na possibilidade de vislumbre de alternativa de identidade e de outras realidades.

Ao invés de esclarecimento, a dominação progressiva da técnica pode ser entendida como um engodo que cria obstáculo à formação dos indivíduos autônomos, independentes e capazes de julgar e decidir conscientemente suas ações. O homem se encontra em poder de uma sociedade que o manipula a seu bel prazer.

Pucci (1999) afirma que, em todos os locais, o poder da indústria cultural se faz presente, evidenciando a falsa diversão como uma atividade que distrai no sentido literal do termo, isto é, que desencaminha, que desorienta, que empobrece o exercício mental, a percepção e a sensibilidade.

Toda a diversão proposta é percebida por Adorno como uma sutil manipulação do espectador, que deseja somente esquecer o sofrimento, ainda que pela tela do cinema como parte de um contexto artístico. A forma de persuasão é tão perspicaz, que o espectador dificilmente se contrapõe a colaborar para uma mudança, e isto é confirmado pelos cálculos estatísticos que tentam esconder a ideologia controladora da indústria cultural sobre a massa.

Nessa perspectiva, a indústria cultural reinventa modos de subjetivação, modelando o cotidiano e influenciando a esfera da cultura, inventando e infundindo métodos de reprodução de bens, que se tornam como modelos, visando satisfazer necessidades que passam a ser encaradas como iguais - comum a todos. Projetar é um mecanismo "primitivo" da formação subjetiva e está no fundamento da teoria freudiana como uma tensão da consciência interior com o mundo exterior: "[...] em certo sentido, perceber é projetar" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 175). Na perspectiva freudiana, a soma das identificações compõe a personalidade dos indivíduos; as assimilações de determinados modelos são a primeira forma de se relacionar com o mundo exterior (FREUD, 1976).

O domínio econômico dos que detêm o poder é o da própria racionalidade técnica com predomínio numa sociedade completamente alienada. E é nessa relação entre poder e dominação que Adorno vê o açambarcamento cultural como debilitado e sujeito àqueles que são os autênticos donos do poder, dando-lhes causa para que essa sociedade alienada não venha a ser purificada.

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, fez-se referência ao liberalismo político-ideológico e econômico, que tem em suas idéias, como exemplo, o homem bastando-se a si mesmo como indivíduo, como algo absoluto, mas que é profundamente marcado por uma individualidade, descaracterizando-o como um ser democrático e igualitário. Os ideais de liberdade propagados pela produção capitalista acabam por conduzir as massas ideologicamente, levando-as a crer no mito do sucesso como algo comum a todos, mas que ao mesmo tempo as escraviza com a ilusão.

Na análise realizada por Adorno, o sistema pressiona as pessoas a pensarem ser o que não são e faz isso a partir do artifício dos meios de comunicação que representam uma vida próspera, como se fosse um reflexo ou uma janela da própria sociedade revelada na tela. Toda a fraqueza humana é apresentada dentro da poderosa sociedade, como algo distorcido e invertido, que tanto controla e propaga informação, como estímulos, modelos de vida discutíveis e falsos valores.

O inimigo que se combate na indústria cultural é o inimigo já derrotado, o sujeito pensante. O espetáculo faz com que o mundo da mercadoria domine tudo o que seja vivido. Este é o momento em que a mercadoria regra totalmente a vida social.

Nesse sentido:

[...] o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real [...] É o estágio supremo de uma expansão que fez com que a necessidade se oponha à vida [...] O espetáculo estende a toda a vida social o princípio que Hegel, na *Realphilosophie* de Iena, concebe como o dinheiro: *a vida do que está morto se movendo em si mesma* (DEBORD, 1997, p. 138-139, grifo do autor).

Aqui, torna-se necessário enfatizar que o campo simbólico expresso pela realização do espetáculo alcança, sob a medida de um controle ideológico, o teor de negação da realidade, embora já esteja presente na realização do próprio espetáculo a possibilidade da consumação da obra de arte. Contraditoriamente, o que ocorre é que o processo de legitimação da cultura dominante encontra nos meios de comunicação um terreno estratégico para a generalização da ideologia, no sentido da falsa consciência, dos grupos hegemônicos.

Partindo do pressuposto de que a racionalidade técnica perpassa do mundo da produção material para o campo da cultura, Adorno e Horkheimer (1985) constatam que o lazer adquire formas administradas correspondentes a uma espécie de extensão do trabalho. Descanso e trabalho se assemelham, tendo em vista que o homem perde o controle do processo de trabalho, pois sequer determina o ritmo e

o tempo socialmente necessários à produção, quando deixa determinar o conteúdo dos bens oferecidos pela indústria cultural.

Eles acreditam ainda que haja uma íntima relação entre a cultura e a publicidade e concebem a cultura como uma mercadoria completamente submetida à lei do uso e da troca dentro do sistema capitalista, incorporando-se com a publicidade. São os valores econômicos amparados pela publicidade que tornam a cultura destituída de sentido, tornando-se como um elixir para a sua vida.

O homem é manipulado e ideologizado por meio dessa racionalidade técnica que prepara as mentes para um esquematismo que não precisa se dar ao trabalho de pensar; basta consumir. Mesmo que, aparentemente, tem-se a ilusão de que se pode fazer tudo.

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela própria indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente [...] Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 117).

Deste modo, a tentativa de resgate do elemento emancipatório da razão e o próprio desenvolvimento de consciências críticas tornam-se distantes pelo fato de que cada vez mais a sociedade capitalista avança à razão instrumental. De acordo com Zuin (1994, p. 171), se este aspecto possibilita a morbidez tanto da cultura como da razão, “[...] é porque são engendrados mediante a produção e reprodução de relações de exploração e de interesses de classes antagônicas”.

É nesse entendimento que Adorno e Horkheimer (1985, p. 134) consideram que a indústria cultural esteja corrompida, “[...] não como uma Babilônia do pecado, e sim como catedral do divertimento de alto nível”. A fusão da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão, transformando a indústria cultural numa mentira patente.

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva contra o progresso cultural [...] Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135)

Para Adorno, na indústria cultural, as massas são sua principal ideologia, que, mediante os meios de comunicação, de forma original e criativa, impede o homem de pensar de forma crítica, de imaginar, adestrando consciências. A afinidade entre os negócios e a diversão

mostra-se em seu próprio sentido: a apologia da sociedade, tendo em vista que a liberação prometida pela diversão é a própria liberação do pensamento como negação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resolução da indústria cultural está aliada aos da publicidade que visam promover a exploração e a manipulação da subjetividade humana ao desapossar dos sujeitos suas aptidões para um julgamento autônomo, realçando nos indivíduos uma falsa necessidade do consumo desmedido. É por meio da suposta felicidade, por meio do consumismo, como forma de afirmação da realidade, que a ideologia capitalista se confunde com o papel da publicidade. Ambas oferecem às pessoas modos de vida, modernidade eletro-eletrônica, integração social, vestimentas, novas visões de mundo, veículos automotivos, dentre outros, numa realidade que a ventura e a realização humana tornaram-se objeto do consumo.

A pretensa libertação do passado mítico pela elaboração racional de um mundo regido por leis estáveis e universais, ideia presente, como salientamos, nos fundamentos do pensamento iluminista, não encontra eco diante da violenta relação de produção de bens de consumo capitalista, mantendo grande parte da humanidade fora do usufruto de direitos sociais e bens culturais.

Neste cenário, modificado velozmente pela globalização da tecnologia, a crítica dos teóricos frankfurtianos não alcança totalmente (mesmo por que estamos situados em outro contexto histórico) as implicações sociais, políticas e culturais, em que o mesmo problema se insere. Contudo, essa crítica permanece válida na medida em que os bens de consumo, gerados e multiplicados exaustivamente, reproduzem seus conteúdos na criação do constante, formados pela lógica da estampa de representações que eterniza comportamentos estereotipados.

Duarte (2003) reforça esse pensamento em seu livro *Teoria crítica da indústria cultural*. Mesmo com todo o aperfeiçoamento da tecnologia da indústria cultural, esta ainda caminhou no sentido de realçar o tratamento que dispensa a seus consumidores, vistos sempre como objetos de investigação estatística, além da invariável tentativa de mantê-los em um estado de manipulação e de menoridade através de estereótipos e formas que elevam sempre a resignação perante o sistema.

Desse modo, o exercício moral e do comportamento das massas, fomentado por padrões ideológicos de conduta, infundidos nos produtos e serviços, ainda encontra reflexos

diretos da atuação da indústria cultural. Difundidos como algo sempre bom, dicas de comportamento são oferecidas, assim como de beleza, para os relacionamentos, de bons modos e costumes. Esses "favores" oferecidos são de fato os meios pelos quais a administração social e a manutenção da realidade são efetivadas.

Adorno e Horkheimer acreditavam que a principal causa do retrocesso da cultura sobre a indústria cultural habitava no domínio exercido pela racionalidade instrumental, que, ao assumir a lógica do capitalismo tardio, penetrava em todos os campos da vida, transformando suas produções culturais em valor de troca. Todas as esperanças, vinculadas à felicidade, saúde, beleza e poder, realizadas pela indústria cultural, estão sempre sujeitas a uma atitude de consumo. A cultura se mercadoriza, produzida segundo a racionalidade instrumental da sociedade industrial desenvolvida, ou seja, da racionalidade da própria dominação. Este aspecto, em particular, ainda encontra-se bastante evidenciado atualmente.

Percebemos ainda, na ideia de indústria cultural, uma dupla atribuição: a primeira combina-se ao aspecto ideológico disseminado por suas mensagens, exercendo um controle social e a manutenção das formas vigentes da existência; a segunda ajusta-se ao aspecto econômico, já que a comercialização dos bens culturais tornara-se uma importante fonte de renda para grandes conglomerados capitalistas. Todavia, esta distinção é confundida ao percebermos que os aspectos ideológicos estão intimamente ligados à produção e circulação de mercadorias da economia capitalista.

A ideologia não está mais apartada da produção material da sociedade como percebíamos no liberalismo. A indústria cultural com sua produção industrial de bens culturais fomentou a aproximação destas esferas distintas, não consistindo numa esfera maior, como representava a cultura na era burguesa, mas como uma esfera indivisível da própria materialidade social. Neste sentido, essa dupla atribuição declarada da indústria cultural torna-se uma única atribuição dotada de força marcial que consiste na reprodução da sociedade vigente.

Fica clara, portanto, a crítica adorniana sobre o papel da indústria cultural que transforma tudo em artigo de consumo – com seus diversos meios de comunicação, tais como a arte, a música, o rádio, o cinema, os jornais, as revistas –, onde tudo pode ser comprado como uma mercadoria, negativamente a cultura. Tal indústria não é democrática e se converteu à dominação da técnica, usada pelos meios de comunicação de maneira única e inovadora, impedindo o homem de pensar criticamente,

de imaginar, domesticando sua consciência, levando a cabo os reais efeitos de sua ação (apenas comercial), convertendo-os em entretenimento para todos.

---

## NOTAS

1. Lema iluminista que significa ousar, saber.
2. Segundo Costa (1994), a indústria cultural contribui para a socialização da semicultura, a partir do momento em que passa a veicular um produto perecível e feito para consumo imediato.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *A Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução, Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. 4. ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BACON, Francis. *Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida*. 3. ed. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- COSTA, Alda Cristina Silva da; PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves *et al.* Indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer. *Revista Movendo Idéias*, Belém, v. 8, n. 13, p. 13-22, jun. 2003.
- COSTA, Belarmino César Guimarães da. Indústria cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação*: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis, Vozes; 1994.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUARTE, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*: uma introdução geral a filosofia da história. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- KANT, Immanuel. *O que é "Esclarecimento"?* Disponível em: <[http://ateus.net/ebooks/acervo/o\\_que\\_e\\_esclarecimento.pdf](http://ateus.net/ebooks/acervo/o_que_e_esclarecimento.pdf)>. Acesso em: 19 out. 2009.
- MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt*: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.
- PUCCI, Bruno (Org.). *Adorno*: o poder educativo do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- TALAVERAS, Rafael Francisco Molina. Razão objetiva e razão subjetiva: ascensão e declínio da razão. *Revista Multidisciplinar da UNIESP*, n. 7, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.uniesp.edu.br/revista/revista7/pdf/11\\_razao\\_objetiva.pdf](http://www.uniesp.edu.br/revista/revista7/pdf/11_razao_objetiva.pdf)>. Acesso em: 22 out. de 2009.
- ZUIN, Antônio Álvares Soares. Seduções e simulacros: considerações sobre a indústria cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação. In: PUCCI, Bruno (Org.). *Teoria crítica e educação*: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis, Vozes; 1994.